

INTERCULTURA OU UMA DIÁSPORA PÓS-MODERNA

Valdo Barcelos*

* Dr. em Educação. Pós-doutorado em Antropofagia Cultural Brasileira. Coord. Núcleo KITANDA: Educação e Intercultura - CNPq-UFSM. Pesq. Visitante – INPA; Prof. Conferencista convidado Instituto PIAGET; Prof. Associado na UFSM-CE-PPGE; Pesquisador Produtividade – CNPq. Itararé, Santa Maria, RS – Brasil. E-mail: vbarcelos@terra.com.br

Os diferentes períodos culturais deixam, todos, suas marcas. Algumas mais visíveis, outras, nem tanto. O período em que vivemos pode ser visto como aquele de intensificação das relações de interculturalidade. Uma interculturalidade que se manifesta, por exemplo, por meio de um intenso fluxo de pessoas. Vale ressaltar que ao falar de fluxo de pessoas não estou me referindo apenas ao seu deslocamento físico. Os deslocamentos e deslizamentos culturais são de várias e inusitadas ordens. O argentino, radicado no México, e pesquisador da Intercultura Néstor Garcia Canclini (2009), narra na coletânea “Extranjeros en la tecnología y en la cultura”, que um pai cubano ao perguntar para seu filho o que este queria ser quando crescer, escuta sem titubeios do mesmo: *Extranjero!*

Se há algo sobre o qual não é difícil se chegar a um entendimento é sobre o fato de que estamos passando por um momento de intensas mudanças em nossos modos de viver. Uma dessas mudanças, e que considero fundamental no que diz respeito às relações interculturais, é a grande mobilidade das pessoas. Mobilidade, esta, que se deve aos mais paradoxais motivos. Para James Clifford (1999), vivemos um momento em que algumas perguntas clássicas precisam ser reformuladas, pois, perderam seu sentido na atualidade. Uma destas perguntas é: *De onde vens?* Para este autor, o mais adequado seria perguntar: *“De onde vens e para onde estás indo?”*

Esta intensa e acelerada mobilidade que assistimos é um dos argumentos utilizados por autores contemporâneos para justificar parte das grandes transformações pelas quais passam, hoje, as nações criadas no espaço político e cultural da modernidade ocidental. Esta questão – a mobilidade das pessoas - está provocando intensas transformações no cenário político, econômico e, em especial, cultural no planeta. Senão vejamos: o continente europeu recebe uma verdadeira avalanche de imigrantes oriundos de várias nacionalidades e de vários continentes. A França, por exemplo, conta com cerca de cinco milhões de imigrantes muçulmanos; a Inglaterra

em torno de um milhão e seiscentos mil e a Espanha recebe cerca de um milhão. Estes números não param de crescer de forma cada vez mais intensa, mesmo com os mecanismos de contenção que os países começam a implementar em suas legislações em relação aos “estrangeiros”.

Se nos voltarmos para o continente latino-americano veremos que a circulação de pessoas é, também, muito intensa. Temos, neste caso, uma situação muito especial. Em alguns países do continente, a saída de pessoas é muito grande. Por exemplo: países como Uruguai, Equador e México, têm cerca de vinte por cento de seus cidadãos vivendo em outros países que estão distribuídos pelos cinco continentes. Uma das consequências imediatas desta diáspora contemporânea é que aquilo que se tinha, até então, como uma definição pacífica de quem era ou não estrangeiro mudou radicalmente. Néstor Garcia Canclini (2009), um estudioso e pesquisador pioneiro das questões relacionadas à interculturalidade, ao refletir sobre os diferentes modos de ser estrangeiro nos tempos atuais, afirma que estrangeiro não é apenas aquele que se encontra longe ou no outro lado da fronteira. Para ele, estrangeiro é, também, aquele que está perto e que desafia nossos modos de percepção e de compreensão cultural dos eventos. Podemos nos sentir estrangeiros mesmo frente à sociedade em que sempre vivemos, pois,

Puede sentirse mayor estrañamiento ante quienes en la propia sociedad reivindican con énfasis uno particularismo que en relación con otros de la misma profesión en países distantes, lo que comparten formas internacionalizadas de consumo (2009, p. 5).

Se até algumas décadas os cidadãos de um determinado país podiam escolher com quem gostariam de conviver em seus limites territoriais clássicos, hoje, esta opção não é mais assim tão pacífica ou livre de conflitos. Esta condição de entrecruzamentos culturais é tratada de forma desafiadora e provocativa pelo pensador francês Alain Touraine (2003) no seu livro intitulado “Poderemos Viver Juntos? – iguais e diferentes”. Nesta obra o autor reflete sobre o processo de globalização das relações por que passa o planeta. O livro dá ênfase especial para a questão do encontro e/ou do confronto entre as diferentes religiões, etnias, ideologias, economias. Enfim, se ocupa das tensões decorrentes dos processos de globalização que colocam frente a frente, lado a lado, diferentes culturas. Uma decorrência disto é que se em outras épocas tínhamos a possibilidade de “escolher” com quem conviver, hoje isto parece definitivamente coisa do passado. Para o bem e para o mal já estamos todos juntos Vivemos num mundo onde se come comida japonesa na América Latina e bebe-se suco de frutas da Amazônia no Japão; os carros

que circulam pela Europa são fabricados tanto na América quanto na Ásia; a música norte-americana é ouvida no Oriente Médio, bem como as cidades estadunidenses são invadidas pelos ritmos afros; a televisão globalizou as imagens e o espetáculo passou a ser muito parecido nos mais distantes confins do planeta; assistimos aos mesmos programas, bebemos as mesmas bebidas e usamos as mesmas marcas de roupas e de calçados. Enfim, podemos nos comunicar globalmente usando a mesma língua.

Ao mesmo tempo em que a circulação de mercadorias nunca foi tão intensa, a movimentação das pessoas jamais esteve tão vigiada. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que estamos todos juntos nunca estivemos tão separados. Nunca antes se viu tantos renascimentos de nacionalismos, de religiosidades e de fundamentalismos. Nunca o terrorismo de Estado e de grupos fez tantas vítimas. Precisamos decidir se faremos do fato de estarmos todos juntos um castigo ou um prêmio, pois, embora estejamos assistindo um acirramento das intolerâncias étnicas, religiosas e ideológicas, ainda é possível que a convivência possa se realizar. As duas possibilidades estão colocadas e nenhuma pode ser descartada.

O fato de nossa história ter sido de guerras, de competições, de aniquilamento dos diferentes e de silenciamentos culturais é uma prova de que o resultado também poderia ter sido outro. Os caminhos seguidos certamente não eram os únicos. Eles foram apenas os que foram escolhidos. Assim que as escolhas poderiam ter sido outras. Se podiam, antes, é sinal de que ainda podemos mudar os rumos e construir a possibilidade de conviver em paz neste planeta, com justiça social e ecológica. Portanto, se, por escolha ou por destino, estamos todos juntos há que aprendermos a conviver. Ou isto ou a barbárie sairá definitivamente vencedora. Se o caminho adotado foi este que até agora trilhamos e não estamos com ele satisfeitos, há que pensar, inventar, (re) criar outro, ou outros itinerários. Ou seja: se as narrativas que até então utilizamos para dizer do mundo não mais dão conta de seu entendimento há que se buscarem outras. Contudo, no caso atual, há que se tomar o cuidado de não querer encontrar/construir outra narrativa que dê conta da diversidade da condição histórica e cultural de um mundo que se constitui através de nomadismos culturais. Novamente recorro a Canclini quando este alerta para o fato de que nenhum relato será capaz de organizar a imensa e rica diversidade intercultural em um mundo cada vez mais marcado pela interdependência e pela *antropofagização* de hábitos e de costumes.

É sobre este processo intercultural e antropofágico, como uma alternativa de narrativa possível para os tempos atuais, que acredito que os textos reunidos neste dossiê, poderão trazer importantes pistas para o entendimento das cenas e dos cenários de interculturalidade contemporâneos.

O banquete está sendo servido nos pratos/textos deste Dossiê sobre Intercultura. Todos(as) têm liberdade para se servirem conforme queiram. Não deixem de degustá-lo, e, se quiserem... podem preparar seus próprios banquetes.

Fiquem à vontade, pois, este, foi só um aperitivo.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Extranjeros em la tecnologia y em la cultura**. Buenos Aires: Ariel, 2009.

CLIFFORD, James. **Itinerários transculturales**. España: Gedisa, 1999.

TOURAINÉ. Alain. **Poderemos viver juntos? iguais e diferentes**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.